

AGRICULTURA FAMILIAR NO CONTEXTO AGROBIODIVERSIDADE EM COMUNIDADE TRADICIONAL DE CHAPADA DOS GUIMARÃES, MATO GROSSO – BRASIL

Rosenil Antônia de Oliveira Miranda¹

RESUMO: O presente artigo foi realizado na comunidade Madeira, no Município de Chapada dos Guimarães no Estado do Mato Grosso, com o objetivo de descrever a agricultura praticada localmente, no que diz respeito à organização para a produção, tipos de cultivo e formas de manejo na comunidade rural. Para a coleta dos dados foram aplicadas entrevistas dos tipos semiestruturada e aberta, história de vida e observação direta e registro fotográfico. O período das coletas ocorreu no primeiro semestre do ano corrente com frequência semanal. Os resultados mostram que a comunidade ainda mantém práticas e conhecimentos locais em meio à agricultura moderna, e que representam um importante contraponto na contemporaneidade e que desempenham relevante papel na produção e diversificação de alimentos para consumo familiar na conservação dos recursos fitogenéticos de plantas cultivadas e, conseqüentemente, na segurança alimentar em escala local. Conclui-se que a agricultura familiar na comunidade local é expressiva ao desempenhar manejos tradicionais na exploração dos ambientes naturais fornecendo informações sobre o seu cotidiano etnobotânico e usufruindo da exploração enquanto forma de sustentação familiar.

Palavras – chave: Agricultura Familiar, Agrobiodiversidade, Saber Tradicional.

FAMILY AGRICULTURE IN THE AGROBIODIVERSITY CONTEXT IN THE TRADITIONAL COMMUNITY OF CHAPADA DOS GUIMARÃES. MATO GROSSO, BRAZIL

ABSTRACT: This article was carried out in the community of Madeira, in the municipality of Chapada dos Guimarães, in the State of Mato Grosso, with the objective of describing locally practiced agriculture, regarding the organization of production, types of cultivation and management practices in the community rural. Data were collected using semi-structured and open types, life history and direct observation. The collection period occurred in the first semester of the current year with weekly frequency. The results show that the community still maintains local practices and knowledge in the midst of modern agriculture and represents an important counterpoint in contemporary times and that play a relevant role in the production and diversification of food for family consumption in the conservation of the plant genetic resources of cultivated plants and, consequently, food security on a local scale. It is concluded that family farming in the local community is expressive in carrying out traditional management in the exploitation of natural environments, providing information about their ethnobotanical daily life and enjoying exploitation as a form of family support.

Keywords: Family Agriculture, Agrobiodiversity, Traditional Knowledge.

¹Bióloga. UFMT. Professora SEDUC de Chapada dos Guimarães. Mato Grosso. Membro de DGPESCE/Estudando o Cerrado/CNPq. Cuiabá. MT. rosenil66@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O conceito de agricultura familiar é relativamente recente no Brasil antes, falava-se em pequena produção, pequeno agricultor, agricultura de baixa renda ou de subsistência e até mesmo o termo camponês DENARDI (2001). Por milhares de anos, agricultores de subsistência têm manejado seus campos, mantendo um acervo de variedades dos diversos cultivos AMOROZO (2013), Nesse contexto, buscamos reconhecer e valorizar os sistemas tradicionais de cultivo agrícola, nos quais se prioriza a diversidade, os conhecimentos acumulados ao longo de gerações e a interdependência dos recursos naturais, que fazem desses sistemas os principais responsáveis pela geração, manejo e manutenção da agrobiodiversidade (MARTINS; OLIVEIRA, 2009). Desta forma é possível explorar com eficiência diferentes ambientes para manter uma relativa estabilidade de produção nas finalidades, alimentares e culturais (MARCHETTI & AMOROZO, 2012).

Diante da marcha da urbanização e das possíveis influências, da aculturação, é preciso resgatar o conhecimento que a população detém sobre o cultivo de subsistência, entretanto, tais sistemas vem passando, no mundo todo, por transformações profundas, decorrentes de mudanças no meio rural, provenientes de preções econômicas diversas, aumento na densidade populacional e /ou diminuição da área de vida dos grupos de agricultores (BROOKFIELD & PADOCH, 2007).

Os habitantes das áreas rurais têm visões diferentes sobre as regiões designadas como ecossistemas virgens pelos cidadãos, e é nessas concepções que baseiam o uso de suas terras e as práticas de manejo dos seus recursos. O presente estudo, por meio da abordagem etnobotânica, teve por objetivo registrar e analisar o manejo agrícola e a diversidade das plantas cultivadas junto aos agricultores tradicionais da Comunidade Madeira no município de Chapada dos Guimarães,

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na comunidade rural Madeira pertence ao município de Chapada dos Guimarães, distante 68 km da cidade e banhada pelo rio Madeira rio da Casca, com as coordenadas 15° 10'653''S e 55°44'870''W. Segundo com a Classificação de Köppen possui o Clima Tropical de Savana (Aw), e de acordo ao Plano de Manejo do Parque Nacional Chapada dos Guimarães (2009) a região encontra-se localizada nas proximidades da

Subunidade III A2a com uma temperatura média entre 22,5° e 23,0° C, máxima de 29,4° a 30,0 °C e mínima de 17,4° a 18,1° C (IBGE, 2010).

A pluviosidade total é de 1650 a 1900 mm anuais com cinco meses secos, com déficit hídrico de 100 a 200 mm entre maio e setembro e excesso de 800 a 900 mm entre novembro e abril (MMA, 2009). A formação vegetal predominante é o cerrado, com a presença de floresta decídua na encosta dos morros, com paredões e afloramentos calcários representados pela Serra de Chapada dos Guimarães e mata de galeria ao longo do rio (PCBAP, 1997).

A área de estudo é banhada pelo rio Madeira e rio da Casca e a caracterização dos solos da região apresenta solos minerais não hidromórficos, com horizonte B, do vermelho ao amarelo, de textura média à argilosa, de pouco profundo à profundo, de bem a imperfeitamente drenado e o relevo de ondulado, forte ondulado e montanhoso e a unidade típica de paisagem é de savana com mata de galeria (PCBAP, 1997). As principais atividades econômicas são a agricultura de subsistência, principalmente, a fabricação de farinha de mandioca e caça, todas as produções são para o consumo familiar.

A região apresenta um certo isolamento em relação à área urbana, o que não impede a penetração das concepções do mundo atual influenciadas pelo meio social circundante, sob a força da urbanização. O período de execução da pesquisa ocorreu entre março a junho de 2018, por meio de entrevista semiestruturada e aberta (MINAYO, 1994), abordando perguntas relacionadas à questão do saber e desenvolvimento de cultivo de subsistência da comunidade local.

Através da história de vida (Meihy, 1996), objetivou-se captar o processo de memória e de reflexão crítica da população local acerca de suas vivências tidas em condições sociais específicas. Também foi possível, através dessa técnica, a constatação de valores, ideais de vida, expectativas, dificuldades e conquistas face aos vários processos sociais vivenciados pelos informantes ao longo de sua existência e convivência no local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Agricultores tradicionais são grupos populacionais de organização social baseada no parentesco, cuja produção, estabelecida pelo uso de tecnologias não sofisticadas, e voltada para a subsistência (AMOROZO, 2000).

Segundo os informantes da comunidade Madeira, os campos de cultivos no Cerrado são praticados em áreas de pequena escala, considerando dois espaços de cultivos diferentes são

estruturados em: a) roças, onde apresenta a maior parte das espécies domesticadas para o consumo familiar e b) os quintais, que constituem diversas espécies com fins alimentares, medicinais e ornamentais. A prática agrícola local inclui o policultivo de mandioca, banana, milho e mamão que são mais comuns, conforme Figuras 1 e 2.



FIGURAS 1 e 2: Amostragem da abundância de indivíduos nas roças da comunidade Madeira. Chapada dos Guimarães. MT. 2018.

Fonte: Acervo da autora. 2018.

Os sistemas de quintais agroflorestais são conhecidos também como hortos caseiros onde ocorre o uso da terra em propriedade particular, na qual várias espécies de árvores são cultivadas juntamente com culturas perenes e anuais e, ocasionalmente, criação de pequenos animais ao redor da casa (Wiersum, 1982). É reservado um espaço de áreas para as hortaliças, como cebolinha, coentro, salsa, alface, couve, pimentão etc, conforme Figuras 3 e 4.



FIGURAS 3 e 4: Quintais na Comunidade Madeira em Chapada dos Guimarães.MT. 2018.

Fonte: Acervo da autora. 2018.

Em se tratando da diversidade das plantas locais bem como a sua origem, destacam-se espécies medicinais como boldo, arruda, hortelã, mentruz, terra mecina, babosa etc.), espécies frutíferas como abacate, laranja, mexerica, limão, acerola, jaca e manga e as plantas nativas como pequi, coco, buriti, jatobá etc. para compor o cenário das plantas em cultivo consorciado na comunidade local. Durante o período de coleta dos dados socioeconômicos, habitavam a Comunidade Madeira 80 moradores, entre crianças, jovens, adultos e idosos em oito domicílios.

A faixa etária entre 0 e 12 anos representam 8% e os jovens entre 13 e 18 anos com 10%, sendo, portanto, 25% dos comunitários os possíveis detentores pelo recebimento dos conhecimentos tradicionais que serão repassados de geração em geração pelos mais idosos. Os adultos na faixa etária entre 22 e 59 anos representam 23% e os idosos alocados na faixa etária entre 60 à 65 representam 8% dos moradores que residem na comunidade Madeira.

A agricultura de subsistência nessa região é considerada atividade fundamental, sendo diversificada na maioria das unidades de produção familiar. Entre os entrevistados, o número mínimo de explorações agrícolas é de quatro (mandioca, mamão, milho e banana) e o máximo de cinco (milho, mandioca, banana, mamão e melancia). Entre os produtos cultivados a mandioca constitui o cultivo principal e caracteriza-se como uma exploração tipicamente regional, sem fins de comercialização.

Dados semelhantes foram reportados em Santo Antonio do Leverger (MT) quanto ao cultivo da mandioca (AMOROZO, 2000). Em Conceição Açu a mesma é cultivada por 100% dos entrevistados, seguido de outros cultivos como mamão, melancia, laranja (PASA, 2005).

Em muitos casos, a agricultura regional ainda é realizada em moldes tradicionais e mantém significativa diversidade agrícola, com destaque para as variedades locais de mandioca (AMOROZO, 2010). O plantio da mandioca pode se dar ao longo do ano, mas é durante a estação seca, de abril a outubro/novembro o período de preparação das roças.

As roças ocorrem em áreas abertas no interior da vegetação natural, principalmente com a derrubada das matas ou nas bordas do campo cerrado fazendo limite com as matas. A maioria dos plantios de mandioca se dá por propagação vegetativa de modo que as roças velhas servem como depósito para as roças novas.

A área de plantio diversificado nas roças de Madeira varia de 0,4ha até 4ha por unidade familiar. As atividades referentes à roça não apresentam grandes distinções na divisão sexual do trabalho, sendo que 10% do total das propriedades na região são administradas somente por mulheres.

Os cuidados dispensados à manutenção das lavouras envolvem a limpeza constante da área de plantio, o qual é executado com frequência diária que varia de uma a duas vezes ao longo do dia. Para manter o estoque genético das espécies plantadas nas roças, as sementes são obtidas, geralmente, na propriedade. Igualmente as mudas de mandioca e outras espécies são oriundas da propriedade. A troca, entre parentes e vizinhos, constitui uma prática bastante comum na região, não sendo comum a compra de sementes ou mudas de plantas.

Embora a região localizada não muito distante da área urbana, o que não impede a penetração das concepções do mundo atual, influenciadas pelo meio social circundante sob a força da urbanização que avança em direção à área rural de forma acelerada, ainda é visível as atividades econômicas como agricultura familiar, fabricação de farinha de mandioca, pesca, caça, somente para consumo da família ou a troca de excedentes (produtos coletados e/ou cultivados) dentro da comunidade ou entre familiares (PASA, 2011).

Diante da realidade econômica na qual vive a população da comunidade Madeira as pessoas de saber local acreditam que de acordo com sua realidade, simples e sem tecnologia (65%) esta ainda é a melhor opção econômica para o momento. Não possuem equipamentos modernos para os trabalhos na agricultura de subsistência, não possuem condições técnicas aprimoradas, encontram-se limitados pela escala de produção imposta pelo tamanho da propriedade e pela falta de infraestrutura e mão-de-obra, sendo assim, são obrigados a manter diversificada a produção, que conta com a força da mão-de-obra familiar como uma atividade *locus* de produção e sobrevivência da família.

Ainda assim, a diversificação, no entender desses ribeirinhos, pode não ser economicamente vantajoso, mas é a atividade socialmente desejável e possível para eles nesse momento, mas que lhes garante não só o meio de sobrevivência, mas também a segurança social e econômica. Nesse sentido Brandenburg (1999) cita que a explicação da diversidade vegetal parece não estar relacionada a uma causa específica, uma menor probabilidade de ataque de pragas e doenças, mas associada a fatores diversos, resultantes de um processo de ajustamento da unidade produtiva, que é operada pela família.

Seguindo o raciocínio, Buarque (2002) destaca que o desenvolvimento da agricultura familiar resulta da interação e sinergia entre a qualidade de vida de uma população, decorrente da diminuição da pobreza, da geração de riqueza e de distribuição de ativos; da eficiência econômica, em decorrência do valor na cadeia produtiva e sem esquecer a preservação e conservação do meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manejo da agricultura familiar na forma de subsistência na comunidade Madeira ainda mantém práticas e conhecimentos tradicionais em meio à agricultura moderna. Assim, os pequenos agricultores tradicionais e familiares da região tem conseguido manter, ao longo do tempo, uma alta diversidade agrícola em pequenos espaços na comunidade. Portanto, é necessário que se registre e valorize a cultura local construída através do conhecimento etnobotânico da flora local que ainda se faz presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U. P. & ANDRADE, L. H. C. Uso de Recursos Vegetais da Caatinga: o Caso do Agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**. Jul, 27(7): 336 – 346. 2002.
- AMOROZO, M. C. M. Management and Conservation of *Manihot esculenta* Crantz. Germ. Plasm by tradicional farmers in Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso State, Brasil. **Etnoecológica**, 4(6): 69 – 83. 2000.
- AMOROZO, M. C. M.; VIERTLER, R. B. A abordagem qualitativa na coleta e análise dos dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. 2013.
- AYRES, J. M. **As Matas de Várzea do Mamirauá**: Médio Rio Solimões. Brasília, DF. Ed. MCT – CNPq. 2ª ed. Brasília. 123p. 1993.
- BRANDENBURG, A. **Agricultura familiar**: ONGs e desenvolvimento sustentável. Curitiba. Ed. da UFPR. p. 325. 1999.
- BUARQUE, S. J. C. **Construindo o Desenvolvimento Local Sustentável**: Metodologia de Planejamento. Rio de Janeiro: ed. Garamond, 2002. 177 páginas.
- DENARDI, R. A. Agricultura familiar e políticas públicas: alguns dilemas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.2, n.3, jul./set.2001.
- MARCHETTI, F. F. **Agricultura tradicional e a manutenção da agrobiodiversidade em comunidades rurais do município de Santo Antonio de Leverger-MT**. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro: SP. 101p., 2012.
- MARTINS, P. S., OLIVEIRA, G. C. X. Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos. In: VIEIRA, I. C. G.; SILVA, J. M. C.; OREN, D. C.; D'ILCAO, M. A. **Diversidade Biológica e Cultural da Amazônia**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2ª Ed, 2009.
- MATO GROSSO E SEUS MUNICÍPIOS. Santo Antônio do Leverger, Economia. 2010. Disponível em Acesso em 14 nov. 11.
- MCCAY, B. M.; ACHESON, J. M. In: Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. SBEE. **Anais...** Rio Claro, SP. p. 93-128. 2002.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo. Ed. Loyola. 78p. 1996.
- MEIRA, M. A Floresta em Jogo. O extrativismo na Amazônia central. In: **Os Índios do rio Xié e a fibra da floresta**. Ed. Científica Laure Empeaire. São Paulo. UNESP, p. 31-48. 2000.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; ABRASCO,1994.

PASA, M. C.; SOARES, J. J. dos; GUARIM-NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá-Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasílica**, 19: 195-207, 2005.

PASA, M. C. 2011. Abordagem Etnobotânica na Comunidade Conceição-Açu, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**. México, N.31, p.169-197.

POSEY, D. A. Introdução: Etnobiologia, teoria e prática. In: **Suma Etnológica Brasileira**. D. Ribeiro (ed.) Petrópolis. RJ. Editora Vozes. p.15-28. 1987.